

*Humanidades.  
Constituição da Sociedade.*



# AS NATUREZAS FILOSÓFICA E TEOLÓGICA DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA \*

*Allysson Muryel F. D. dos Reis\*\**

**RESUMO:** O presente artigo visa discutir a natureza filosófica e também teológica da Doutrina Social da Igreja (DSI). Utilizaremos o referencial bibliográfico tanto filosófico quanto teológico para o fundamento do problema discutido. Para tanto, utilizar-se-á Louis Lavelle para entendermos que, antes de tudo, os problemas que giram em torno da DSI nada mais são que problemas de cunho antropológico, e, com efeito, os problemas sociais que deles derivam são ocasionados pelas ações contrárias aos princípios inscritos na natureza humana por Deus. Ver-se-á, sobretudo nos Padres da Igreja, que a defesa e a preocupação sociais, antes de serem um problema tão somente filosófico, são também teológicos, pois visam inverter a ordem estabelecida por Deus ao criar o cosmo; será esta desordem que edificará dois tipos de cidades as quais são aludidas por S. Agostinho em Cidade de Deus. Estas, por sua vez, são erigidas pelos tementes a Deus e pelos que buscam a si mesmos, orgulhosos. Porém, são as encíclicas papais, como magistério infalível, as garantidoras da

estabilidade necessária para a “edificação” da cidade de Deus. Nossa pesquisa dá conta que há dois tipos de cidades que os homens podem constituir naturalmente: a caótica e a ordenada. A primeira se refere àquilo que os homens são enquanto se afastam daquele fim último ao qual devem tender; enquanto a segunda é constituída pela subordinação aos princípios naturais e ao Criador de toda ordem social.

**ABSTRACT:** *This article aims to discuss the philosophical and also theological nature of the Social Doctrine of the Church (DSI). We will use both philosophical and theological bibliographical references to support the discussed problem. Therefore, Louis Lavelle will be used to understand that, above all, the problems that revolve around the ISD are nothing more than anthropological problems, and, in fact, the social problems that derive from them are caused by actions contrary to the principles inscribed in human nature by God. It will be seen, above all, in the Fathers of the Church, that social defense and concern, before being merely a philosophical problem, are also theological, as they seek to invert the order established by God when creating the cosmos; it will be this disorder that will build two types of cities which are alluded to by St. Augustine in City of God. These, in turn, are erected by the God-fearing and the self-seeking, proud. However, papal encyclicals, as an infallible magisterium, are the guarantors of the stability necessary for the “building up” of the city of God. Our research realizes that there are two types of cities that men can naturally form: chaotic and orderly. The first refers to what men are insofar as they stray from that ultimate end to which they must tend; while the second is constituted by subordination to natural principles and to the Creator of every social order.*

## INTRODUÇÃO

Os princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI) nascem dos escritos sagrados. O próprio Decálogo apresenta-se com um caráter infuso dos princípios da DSI, porém, esses preceitos só possuem um sentido primeiro e último se orientado para uma pessoa e em vista de uma finalidade específica. Não haveria a necessidade de uma doutrina se todos conhecessem claramente os preceitos que devem ser seguidos; e, como há alguns que desconhecem ou ignoram os preceitos, logo, há a necessidade de uma doutrina que faça trazer à luz as consciências dos

homens. Consciência de que são seres sociais ou que habitam em sociedade em vista de um fim; habitando nesta sociedade possuem direitos e também deveres para consigo mesmo e para com os seus semelhantes.

Tal temática faz-se importante porque a Igreja sempre recorre ao passado para resolução dos problemas presentes. E a questão e os problemas sociais não são algo que surgiu em nosso tempo, ou em 1891, com a publicação da encíclica social de Leão XIII. Os problemas sociais existem desde que a humanidade “existe”, como consequência do pecado do homem, gerando efeitos sociais de diversas formas e modos possíveis – embora haja como antecedente aos efeitos sociais uma desordem no próprio homem. Não é algo que surgiu, é algo que já existia, contudo, ao passar dos séculos desenvolveu-se a compreensão de que há princípios que permanecem fixados em toda a sociedade natural e, ainda, presentes até mesmo nos escritos sagrados como revelados por Deus. Quando encontramos neste escrito: “O homem não deve ter mais do que aquilo que lhe é necessário”<sup>1</sup>, não está denunciando (prevenindo) outra coisa senão a usura voraz de que fala Leão XIII em sua encíclica.

Com o tema de nossa pesquisa, buscaremos demonstrar que a Sagrada Escritura e a Tradição Apostólica encontram sua forma sistemática na encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, que todos os princípios da Doutrina Social já estavam presentes naqueles mesmos escritos e que, antes de tudo, já estava inclusa na própria natureza humana e social.

Mostraremos, no transcorrer de nosso trabalho, que os escritos apostólicos trazem alguns eixos condutores dos princípios da DSI que serão absorvidos, refletidos e desenvolvidos pela doutrina dos Santos Padres e pelo Magistério dos papas.

Utilizaremos como metodologia o referencial bibliográfico básico: LEÃO XIII, *Rerum Novarum*; para a estrutura norteadora do Magistério; BÍBLIA DE JERUSALÉM. Novo Testamento, para a fundamentação bíblica das questões sociais; BRAVO. Restituto Sierra. *Doctrina Social y Economía de los Padres de la Iglesia*, para o conhecimento dos escritos do Padres latino e Gregos a respeito do tema. Além de alguns artigos de LAVELLE, Louis. Crônicas filosóficas, para a fundamentação antropológi-

---

1. Cf. Mt 10,10.

ca-social. E ainda, para entender a prática como se estrutura uma sociedade pautada nos valores divinos, ou seja, da DSI e aquelas que dela se afastam, utilizaremos a obra de Santo Agostinho, *Cidade de Deus*.

No capítulo primeiro abordaremos a estrutura da realidade e o eu como pessoa social presente no mundo. No capítulo segundo os pressupostos bíblicos para as questões sociais presentes no Novo Testamento. A Doutrina social segundo os Santos Padres (Basílio e João Crisóstomo; Ambrósio, Agostinho e Gregório Magno). No quarto capítulo, como a *Rerum Novarum* sistematiza universalmente o “espírito dos tempos”. No quinto e último capítulo veremos como se estruturam e degradam as nações ou civilizações.

## 1. O ‘EU’ COMO PESSOA SOCIAL NO MUNDO

Antes de descrever o agir de algo, deve-se, de antemão, começar por sua definição. Assim, o ser político por excelência é o homem unido à natureza por atributos: vegetal, animal, racional e político. Todo ser é singular e universal simultaneamente – exceto Deus. Singular, porque é único e distinto; universal, porque participa no ser da nota comum de sua espécie.

O pensamento humano tem por tendência desarmônica se estruturar enfaticamente entre um realismo e um idealismo, essa oscilação pode ser percebida com maior evidência nas próprias ciências filosóficas surgidas ao longo da história do pensamento humano – desde a antiguidade até o momento presente.

Ora, essa oscilação não é em si um problema, no sentido negativo da palavra, mas sim um problema filosófico. Perguntemo-nos se a verdade está mais para a ideia ou à realidade? As duas respostas são possíveis, trata-se de uma procura pela verdade das coisas. E é um fato que há uma realidade e uma idealidade, aquilo que podemos chamar de mundo exterior-interior (ou mundo interior propriamente) como diz Júlían Marías. O mundo exterior seria a imanência e o interior o transcendente e “espiritual. Contudo, é no mundo interior do homem que o exterior e o interior se fundem na personalidade”<sup>2</sup>.

---

2. Cf. MARÍAS. Mapa do Mundo Pessoal. 2021, p. 13-21.

Contudo, percebemos que há em nós um pensamento e que esse pensamento não é independente, ele necessita de uma realidade externa para que seja possível o seu operar. O pensamento necessita se fixar “numa realidade que o ultrapassa e da qual ele tira toda a seiva que o alimenta”<sup>3</sup>. E esse pensamento só é possível se está situado em uma pessoa singular que existe; o pensamento está na pessoa que existe dentro de um mundo que é diferente dele e que está para ele. A realidade não se faz possível por que o homem a intui pela inteligência – como creem alguns idealistas –, ela se faz possível porque é, e por ser, se manifesta como é, não em sua totalidade à inteligência humana, mas sob certos aspectos enquanto presente. Por isso Lavelle diz ser ela uma “revelação”, porque nenhum homem até o momento presente a percebe em sua totalidade, mesmo estando ela e ele totalmente presentes no tempo e no espaço, naquilo que chamamos de momento ou contato/alteridade.

Assim, podemos falar de duas realidades que em si mesmas não são distintas, mas integradas por um elo formático (a forma). A realidade enquanto tal, externa ao sujeito, espera encontrar esse sujeito pensante e este, por sua vez, espera encontrá-la na sua manifestação casual. A realidade material não é como pensam os positivistas “que não se interessam pelas coisas, mas somente pelas aparências” ou materialistas “que mutilam indevidamente o real e pretendem reduzi-lo a uma combinação de elementos inertes e inanimados”<sup>4</sup>. A realidade é como nota Ruyer, um realismo integral, “a originalidade está no pensamento de que o real é sem mistério; deve ser tomado tal com é, em uma experiência que nos dá imediatamente sua verdadeira natureza”<sup>5</sup>.

A realidade, tal e qual a percebemos por meio de nossos pensamentos, é constituída de formas, das mais diversas possíveis. Não é a nossa ideia, o nosso pensamento que a constitui enquanto ser. Seu ser foi constituído antes de nós mesmos e sem nós, como diz Lavelle, Louis:

---

3. LAVELLE. Louis. *Ciência Estética Metafísica*. 2012, p. 19.

4. Idem. p.20.

5. Idem. p.21.

A forma de que falamos não é mais uma unidade ideal que imprime sua marca sobre o real: é uma ligação objetiva entre certas posições do espaço e do tempo que pode ser apreendida por uma experiência e que possui fora de nós uma existência global e independente.<sup>6</sup>

Este mundo das formas independe de nós e de nossas ações e está ao mesmo tempo dependente de nós. É o paradoxo da independência-dependente de toda a realidade. A realidade não precisa de nossa existência para ser quem é, mas nós dependemos, num certo sentido, da sua existência para existirmos. Essa independência da realidade foi o que levou Aristóteles a afirmar, equivocadamente, por falta de uma revelação divina, a ‘eviternidade’ do mundo.

Antes que se afirme que as ideias das formas da realidade só são possíveis por causa do pensamento humano (o que seria um equívoco), este pensamento, que também é uma forma (em sentido lógico), pensa nas diversas formas presentes no mundo; contudo, não as imagina esparsamente, mas dentro de um elo de relações cristalizadas. Essas formas não estão somente presentes como imagem na imaginação, mas nas próprias coisas às quais nos ligamos.

Uma vez que a característica do real é mostrar-nos no espaço e no tempo, devemos imediatamente reconhecer que todos os objetos têm no espaço certa configuração particular e que todos os acontecimentos têm no tempo um ritmo próprio... o próprio do realismo é sustentar que as ligações têm tanta realidade quanto os elementos que elas ligam<sup>7</sup>.

O filósofo Ortega Y Gasset, tratando sobre a personalidade do homem-linguístico, afirma que “a língua é justamente o que o indivíduo não cria, mas que encontra estabelecida em seu encontro social, em sua tribo, em sua pólis, urbe ou nação. Os vocábulos das línguas têm desde sempre sua significação imposta pelo uso coletivo”<sup>8</sup>. Esse mesmo

---

6. Idem, p. 22.

7. ORTEGA Y GASSET, José. *Origem e Epílogo da Filosofia*. 2018, p. 84.

8. Ibid.



homem é capaz de linguagem sendo substancialmente diferente da língua de uma nação. A linguagem de um indivíduo pessoal não é abstrata como uma forma idealística, mas ela é real, porque quando esse indivíduo vê diante de sua presença um gato, “ele ressuscita a situação vital na qual aquele pensador se encontrou quando, pela primeira vez, viu diante de si a ‘nova coisa’”<sup>9</sup>. Não se trata de uma experiência com uma forma abstrata; trata-se de uma experiência casual, singular e única com a existência daquele gato e não daquele gato que disse o autor ao transcrever o conceito, mas desse gato no agora. Isso para dizer que o homem compactua de coisas próprias, como a linguagem expressiva, e comuns, como a língua que independe dele.

Ora, o homem compactua dos mesmos anseios, mesmo que nem sempre sob o mesmo aspecto. Há um anseio comum que os une: o princípio vital. Todos os homens querem viver. Por esse motivo apresenta o evangelho a caridade manifestada em obras de misericórdia<sup>10</sup>, pois, essas obras manifestam a desigualdade natural entre os homens, isto é, alguns têm mais e outros menos, quer material, quer espiritualmente. Esta “desigualdade social do mundo” é uma verdade um tanto rejeitada neste tempo sob a ideologia comunitarista e igualitarista. Contudo, a ordem natural manifesta outra ótica, totalmente díspare da que é por eles defendida.

São Basílio, por exemplo, fundado sob esse mesmo evangelho de Mt 5, 42, diz que “esta palavra do Senhor nos convida ao espírito de comunicação, ao amor mútuo e ao próprio de nossa natureza. O homem é um animal civil e social. Essa vida social necessita de certa facilidade da comunhão de bens ao auxílio dos necessitados”<sup>11</sup>. E conclui que, por ordem do Senhor, devemos dar aos outros – segundo nosso discernimento – aquilo que cada um necessita segundo sua própria natureza. Assim, o auxílio caritativo (esmola) daqueles que mais possuem visa tornar a vida do outro possível ou menos desigual.

---

9. Idem, p. 85.

10. Cf. Mt 5, 42.

11. Salmo XIV, Hom. I, n. 6, 149.

## 2. OS PRESSUPOSTOS BÍBLICOS DESTA DOUTRINA

A ordem social é manifestadamente desigual, e seria utópico pensarmos o contrário. Contudo, ao homem – enquanto ser de razão – é possível transcender os limites de sua própria natureza e conduzir-se pelo engenho que consiste na capacidade criativa como partícipe do ato criador de Deus.

A criação, como obra divina, manifesta uma singularidade: a bondade, a ordem e a beleza. O homem participa nessa criação material mediante a criação relativa, isto é, não cria do nada as coisas, mas a partir de uma combinação de dois (múltiplos) entes distintos entre si, gestando e ordenando, segundo a perfeição que lhe é possível, um novo ente. Este “novo ente” que o homem cria a partir de si (ou melhor, da combinação de múltiplos elementos), de um *logos* ou ideia mental, é o que podemos denominar de “obra” ou capital. O homem é capaz de fazer coisas para o próprio benefício e dos que lhe são caros, ou seja, o homem é capaz de fazer um capital. Contudo, esse fruto do seu trabalho (o capital), lhe pertence como de direito; sua obra lhe é própria, mesmo que a faça para outro indivíduo.

Contudo, por diversas situações que o presente trabalho não nos permite abordar, o homem desordenado se infla daquela ganância e apego às próprias obras como se as houvesse criado *ex nihilo* e não devesse a ninguém o tributo. Talvez não haja melhor evangelho que ilustre tais paixões no interior do homem no que diz respeito ao apego excessivo aos bens como o de Marcos 10, 17-31.

Após o encontro de Jesus com o jovem-homem que perguntava a ele sobre “o que fazer para possuir a vida eterna”, Jesus manifesta a necessidade de ordenar a natureza pela observância do Decálogo e a perfeição da vida pelo desapego quer material, quer espiritual dos bens que possuímos. Jesus diz sobre a necessidade de “vender tudo o que temos, e dar aos pobres para termos um tesouro nos céus”<sup>12</sup>. É evidente que temos duas coisas em contraponto: a vida temporária e a vida eterna. Jesus dá ênfase na segunda pelo desapego gradual da anterior. Não diz ser má a vida e os bens, contudo diz ser necessário o desape-

---

12. Mc 10, 21.



go dos bens do tempo presente em virtude dos bens futuros – como ocorreu com os próprios apóstolos ao serem chamado pelo Senhor à beira-mar<sup>13</sup>; e também Platão e Aristóteles perceberam como os prazeres demasiados são um empecilho ao estudo filosófico<sup>14</sup>. Contudo, percebe-se que o apego à matéria não ocorre somente àqueles que possuem muitos bens (como se manifesta de maneira mais latente), mas é verdade que há alguns que não possuem capital próprio e estão mais apegados a eles do que os que os possuem. É disso que diz Jesus na segundo parte deste evangelho, manifestando a universalidade do desapego dos bens.

Então Jesus, olhando em torno, disse a seus discípulos: **“Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus!”** Os discípulos ficaram admirados com essas palavras. Jesus, porém, continuou a dizer: **“Meus filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus os que confiam nas riquezas!** É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!” Eles ficaram muito espantados e diziam uns aos outros: “Então quem pode ser salvo?”<sup>15</sup>.

Esse “espanto” que Jesus causa nos seus discípulos se dá justamente por causa da universalidade na generosidade do desapego dos bens. Porque para os homens de fato é impossível o desapego total das coisas desta vida<sup>16</sup>. O primeiro discurso é dito àqueles que possuem bens (ricos); o segundo àqueles que, tendo ou não bens, apegam-se de todo coração a eles (avarentos). O primeiro é particular, isto é, destinado a uma pequena parcela de pessoas; o segundo é universal, isto é, destinado a todos aqueles que desejam entrar no reino de Deus – e por isso gera espanto nos discípulos. Mas também é verdade que a renúncia

---

13. Cf. Mc 10, 28.

14. Cf. ORG.CRISTIANISMO. A Educação Segundo a Filosofia Perene 202º, p.83-139.

15. Mc 10, 23-26 – grifo nosso.

16. Cf. Mc 10, 27.

cia e o desapego dos bens terrenos é acompanhado de uma promessa que começa já nesta vida acrescida, de perseguições<sup>17</sup>.

Percebe-se então – desde o tempo de Jesus – a avareza que assola a vida do homem – o socialismo e o capitalismo em nosso tempo, no fundo, são muito antigos no que diz respeito à ideia – e o apego excessivo aos bens, que gera em cada ser humano uma profunda tristeza quando nos é exigido sua renúncia em virtude de um bem maior ou de uma caridade<sup>18</sup>. Os bens, longe de serem maus, geram no interior do homem um status de bem-estar e comodidade, afastando todo e qualquer espírito de sacrifício que exige a caridade. Porém, quando há a privação de um bem apetecível ao homem desordenado, gera-se a ira e a revolta ou até mesmo a cólera; esta, por sua vez, se somada a um ciclo social comum (corporação) de indivíduos encolerizados, arquiteta o espírito de revolução (como ocorreu com o movimento socialista).

### **3. A DOUTRINA SOCIAL SEGUNDO OS PADRES DA IGREJA**

BRAVO apresenta a afirmação perene da matéria social em teologia revelada<sup>19</sup>. O autor não faz outra coisa senão recolher nos escritos dos Padres o próprio fundamento da Doutrina Social da Igreja que o Magistério futuro compendiará enquanto ensino universal. Ora, o ensino dos Padres, no fundo, não foi outra coisa que o reestabelecimento, ou a tentativa dele, da ordem social entre ricos e pobres. Tal temática era uma matéria filosófica porque se trata, de fato, da ordem natural do homem e do mundo, mas também teológica, pois, se a criação divina é desigual, este artífice teve um intuito ao fazê-la, e, portanto, deve-se distinguir aquela desigualdade própria da natureza criada por Deus e aquela outra causada pelos próprios homens como efeito de seus próprios pecados.

Além disso, a doutrina de alguns Padres em específico – sobretudo Santo Agostinho – apresentam de forma concisa e coesa esses

---

17. Cf. Mc 10, 29-31.

18. Cf. Mc 10, 22.

19. *Doctrina Social y Economía de los Padres de la Iglesia*. 1960.

mesmos eixos presentes nos escritos sagrados. Ora, os Padres da Igreja não buscam princípios ou soluções aos problemas sociais do próprio entendimento – embora a casuística o exija –, porém, apoiados naqueles princípios que julgam universais, ou seja, pertencentes a toda natureza social, e, mais do que tudo, retiram do próprio evangelho não uma colaboração ou subsídios aos problemas sociais atuais, mas a própria razão do porquê há hoje em dia os problemas sociais que assolam a humanidade. Os Padres veem no evangelho a solução para todo e qualquer problema que a humanidade venha a enfrentar.

Quando tratam da pobreza e da riqueza, eles não as veem como más em si mesmas; isso nos é atestado pelo próprio evangelho e com a vida de Jesus “que se fez pobre de rico que era”. Jesus, na encanação nos manifesta que o problema principal de toda ordem social não era a pobreza material, mas a espiritual. Ora, tanto a pobreza material quanto a riqueza “não acarreta ignomínia alguma”<sup>20</sup>. O problema central é como as enfrentamos, e isso é ensinado pelo próprio Jesus ao dizer que “bem-aventurados são os pobres de espírito”<sup>21</sup>, não os desprovidos de bens materiais<sup>22</sup>. Assim, Cristo Jesus se torna modelo de riqueza e pobreza; ele sobreleva a discussão social a outro patamar. Não o material até então em voga. Mas sim, a eternidade como fundamento e sentido de toda materialidade.

Isso é o que percebeu são JOÃO CRISÓSTOMO ao tratar sobre a “Comunicação dos bens espirituais”. Pois a vida humana não consiste em ser nesta vida, mas viver aqui com os olhos na outra. E os bens, sobretudo os espirituais, são a preparação ou auxílio para que os homens cheguem àquela outra vida que não passa diferentemente dos bens que possuímos nesta<sup>23</sup>. Assim, Lázaro passa a ser o modelo dos homens “a não ter por ditosos aos ricos nem por desgraçados os pobres”. Isto é, não é rico o que está rodeado de muitas coisas, senão o que não necessita de muitas; nem o pobre o que nada possui, senão

---

20. BASÍLIO. Homília II, Contra os usurários, sobre o Salmo XIV.

21. Mt 5, 3.

22. BASÍLIO. Salmo XXXIII, Homília V, n. 5, 169-170.

23. Cf. Homília X, 1.

o que deseja muitas coisas”<sup>24</sup>. Crisóstomo nos faz olhar a pobreza e a riqueza com mais amplitude; que elas não consistem em ter ou não bens; consistem em “se contentar com aquilo que se tem [...] é o homem mais rico do mundo”<sup>25</sup>.

Essa “disparidade” (riqueza-pobreza) é vista por Ambrósio como estado natural do homem, isto é, todos os homens são pobres em si mesmos porque dependem em tudo de Deus, e ricos porque recebem dele a imensidão dos bens (materiais e espirituais). Contudo, essa pobreza pode ser agravada pelo falso julgamento de si mesmo, por um certo tipo de orgulho avarento que faz com que o homem se encha e se enxergue como o próprio detentor dos bens gestando uma pseudoriqueza. A riqueza ou o apego à matéria gera a voracidade – isso percebeu LEÃO XIII com o comunismo.

A ordem ou a desordem humana será, segundo Agostinho em *Civitate Dei*, no livro IV c. XXVIII, a principal constituidora daquilo que ele chama de cidade divina e cidade humana. Diz ele que “Dois amores fundaram duas cidades,”

a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo de Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens; tem esta por máxima a glória de Deus, testemunha de sua consciência. Aquela se ensoberbece em sua glória e esta diz a seu Deus: Sois minha glória. Naquela, seus príncipes e as nações avassaladas veem-se sob o jugo da concupiscência; nesta, servem em mútua caridade, os governantes, aconselhados e os súditos, obedecendo. Aquela ama sua própria força em seus potentados; esta diz: A ti hei de amar-te, Senhor, que és minha fortaleza. Por isso, naquela, seus sábios, que vivem segundo o homem, não buscam senão os bens do corpo, os da alma ou os de ambos, e os que chegaram a conhecer a Deus não o honraram nem lhe deram graças como a Deus. Crendo-se sábios, isto é, orgulhosos de sua própria sabedoria, às

---

24. Idem. Homilía II, 1y, 527-528.

25. Ibid.

instâncias de sua soberba, tornaram néscios e mudaram a glória de Deus que é incorruptível à semelhança com a glória humana que é corruptível [...]. Nesta, pelo contrário, não há sabedoria humana, mas piedade, que funda o culto legítimo ao verdadeiro Deus, à espera do prêmio na sociedade dos santos, com o fim de que Deus seja tudo em todos.

Com efeito, segundo o entendimento de Agostinho, o amor está presente na constituição e edificação das duas cidades. Contudo, o amor-próprio, que é o amor desordenado de si mesmo, fazendo com que o homem, avarento e orgulhoso, deturpe a virtude caritativa em próprio benefício, constitua a primeira cidade: a humana; a cidade pautada no orgulho e na autoestima de si mesmo e no desprezo pelo outro, pois, o amor é *kénosis*, e aquele que se estima mais que aos outros não é capaz de generosidade. Destarte, a outra espécie de amor, que é propriamente divina – pois o amor divino não visa a si mesmo –, e, portanto, é oblato, constitui a segunda cidade a partir do exemplo do Cristo.

A primeira cidade (a dos homens) é edificada no orgulho individualista do desprezo de Deus; com efeito, da criação e do próximo, em virtude do amor-próprio; a segunda (de Deus) é construída na humildade do auto reconhecimento da própria natureza humana, que depende primeiramente de Deus e secundariamente de um todo hierarquicamente desigual e individualmente coletivo, isto é, dependentes uns dos outros para a realização de ser segundo o amor em Deus.

#### 4. A *RERUM NOVARUM* COMO BASE UNIVERSAL DA DSI

O papa Leão XIII, em sua encíclica *Rerum Novarum*, incitado pela casuísta e ávido pela solução dos problemas que assolavam o mundo, os homens e a Igreja, busca no evangelho e na Tradição a(s) resposta(s) para seu tempo. Ao fazer isso, retira do evangelho e da Tradição Apostólica os princípios que nortearão a Doutrina Social da Igreja nos pontificados posteriores.

Pode parecer-nos, para o tempo presente, ultrapassado utilizar os escritos dos apóstolos, dos Padres e do Magistério (Leão XIII).

De fato há documentos mais recentes que refletem sobre as questões mais urgentes para nós; contudo, se não fosse a recomendação naturalmente humana e doutrinária de recorrer constante ao passado (Tradição e Magistério) para conduzir-nos ao futuro, seriam preferíveis as documentações mais recentes. Contudo, como o passado nos revela o futuro, é mais do que necessário volver o olhar para o passado tendo em vista o presente – pois esse foi o caminho pelo qual optaram os papas subsequentes.

---

\* Trabalho de Conclusão de Curso da Pós Graduação em Doutrina Social da Igreja e Ordem Social da Faculdade Pio XII/Centro Anchieta. Orientação: Marcos Eugênio Pires de Azevedo Lopes (Prof. Faculdade Pio XII. Eng. Agrônomo. Mestre e Doutor em Engenharia Ambiental. MBA Gestão Empresarial. PósMBA Inteligência Empresarial. E-mail: [marcoseugenio@amamgestao.com](mailto:marcoseugenio@amamgestao.com))

\*\* Graduado em Filosofia e Teologia. E-mail: [alissonmuryelbvm@gmail.com](mailto:alissonmuryelbvm@gmail.com).



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. *De Civitate Dei*. L. IV, Cap. XXVIII. Vozes de Bolso, Petrópolis, RJ, 2012.
- BRAVO. R. S. *Doctrina Social y Economica de los Padres de la Iglesia*. COMPI, Madrid, 1960, p. 146- 159; 306-328; 644-656.
- DIDÁQUÉ. A Doutrina dos Doze Apóstolos. Campinas, SP: CEDET, 2018.
- LAVELLE, Louis. Ciência, Estética e Metafísica. É Realizações, São Paulo, 2012, p. 19-27; 133-143;
- LAVELLE, Louis. Dialética do Eterno Presente. É Realizações, São Paulo, 2019, p. 36-41; 191-203.
- ORTEGA Y GASSET. Origem e Epílogo da Filosofia. Ed. Vide Editorial, Campinas, SP, 2018, p. 84.
- GARRIGOU-LAGRANGE, R. (O.P.) *Las exigências Divinas del fin ultimo em matéria politica*. Ver. *Doctrina filosófico-política*, [www.traditio-op.org](http://www.traditio-op.org).
- JERUSALÉM, Bíblia. Novo Testamento: Mc 10; Mt 5;10. Paulus, SP, 2013.
- LEÃO XIII. *Rerum Novarum*, 1891. Vaticano. It. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html). Acessado em 26.03.2021, as 22h13.
- PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". Compêndio da Doutrina Social da Igreja; trad. CNBB - 7d - São Paulo: Paulinas, 2011.
- RAMIREZ, Santiago. (O.P.) *Pueblo y Gobernantes al servicio del Bien Común*. Euramerica, Madrid, 1956. [pdf.]
- MARÍAS. Júlian. Mapa do Mundo Pessoal. Ed. Auster, Campinas, SP, 2021.